

## Conceitos fundamentais da Psicanálise

### Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

Paulo Medeiros

19 - 9 de novembro de 2004

Memória e transcrição de gravação <sup>1</sup>

Leitura nas páginas 45-46.

Intervenção – [...]

A programação dessa viagem a Londres, cancelada, se estiverem lembrados, ocorreria poucos meses após o seu seminário sobre *Os nomes do pai*, cancelado por essa Sociedade.

Intervenção – [...]

Sim, há aí a proposição que aborda o sujeito no campo psicanalítico por uma via diferente da assim chamada ciência enquanto ciência exata, ou seja, aquela que busca a exatidão do seu objeto à revelia do sujeito que a pratica.

*O campo científico  
da Psicanálise*

É conveniente lembrarmos de que o próprio Freud situou a Psicanálise num outro campo científico, campo mais relacionado à Lógica, à Lógica da inferência. Ele usou até mesmo o exemplo da Astronomia, ciência capaz de deduzir a existência de certos corpos celestes pela posição de outros já conhecidos, ou seja, através das modalidades lógicas, por meio de um sistema de relações. É nessa linha, a da conjectura, que Lacan prossegue em sua formalização das descobertas freudianas, propondo a direção de uma “ciência conjectural do sujeito”, na qual, evidentemente, sujeito e objeto adquirem um novo estatuto de relação.

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros.

Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

Intervenção – [...]

Mas como lidar com tais fenômenos senão através de uma conceituação dos mesmos? Resta-nos a indagação sobre como fazer essas relações conceituais em sua abordagem real.

Intervenção – [...]

Continuação da leitura na página 46: “Quando Freud”...

Intervenções – [...]

*A formalização  
lógica do material  
inconsciente*

Pela negativa dessa possibilidade de acesso pela via da consciência do que é “recusado”, há essa afirmativa sobre os pensamentos, *Gedanken*, há algo formulável, passível de uma formulação, pois, afinal, não lidamos com o etéreo. A diferença está no fato de que esses pensamentos, numa relação de análise, são puramente associativos e sua lógica – sim, aí está, na rede associativa, a lógica desse material assim chamado inconsciente – ainda que possa ser formalizada pela via da própria Lógica, está relacionada ao *logos* -fala, ao *mithós legon*, envolvida nas dimensões da própria fala e não nos critérios formais do discurso da Lógica.

Intervenção – [...]

Sim, de fato, a gente passa a vida rolando nesse redemoinho de associações.

Continuação da leitura na página 47: “Descartes”...

Intervenção – [...]

*O critério de Certeza  
em Descartes, Freud  
e Lacan*

Essa acentuação de termos usados por Freud serve para Lacan precisar seu uso no contexto da escrita freudiana, além do que a tradução dos textos de Freud para a língua francesa é tão precária, ou talvez ainda mais precária do que a tradução para a nossa língua.

Então aí, no caso, reparem a relação feita por Lacan entre a certeza e a dúvida em Descartes e a certeza em Freud, *Gewissheit*. Freud tomou como certeza as associações de idéias na fala, que Lacan sublinha como constelação dos significantes.

Continuação da leitura na página 47: “Não digo que Freud”...

Creio podermos traduzir assim; “Onde isso era, devo advir”.

*A Topologia  
lacaniana*

Frisemos esse *Wo* de *Wo es war*: “Onde”, “onde isso era”; esse “onde” freudiano nos remete ao campo da Topologia lacaniana. De que lugar se trata nesse “onde”? A Topologia é exatamente esse campo dos lugares na Matemática, essa relação entre lugares. Lacan apresentará suas figuras topológicas para elaborar este “onde” na forma de uma lógica que ele denominou “lógica de borracha”, assim chamada devido à plasticidade dessas figuras. Essas figuras encontram sua expressão matemática na composição de uma formulação algébrica, através de letras – Lacan chamou-as de suas “letrinhas” para seguir, no campo das idéias, o caminho das formulações científicas e lógicas expresso por letras, as letras no campo real, as pequeninas letras matemáticas.

Para exemplificar a importância deste *Wo* deste “onde”, basta indagarmo-nos sobre o lugar de onde vem esta fala falada em análise, assim como esta fala falada em qualquer situação.

Continuação da leitura na página 47: “O que não quer dizer”...

Trabalhando um pouco mais este *Wo es war, soll Ich werden*, juntando-o à frase precedente, “Aqui, no campo dos sonhos, estás em casa”, podemos pensar lá, onde desde sempre estavas, está o sonho. “Onde isso era, ou onde isso estava, estava o sonho”, “ali devo habitar, ali devo advir”. Além de indicar rigor para nossa prática, há poesia nessa proposição. “Onde há sonho, ali devo estar”.

Intervenção – [...]

Essa frase é de Platão.

Intervenção – [...]

“Os deuses são do campo real”.

Intervenção – [...]

Platão já era lacaniano, rapaz.

Intervenção – [...]

Justamente. Se somos simulacro qual é o Real disso? No campo da Idéia ou da Forma, nós somos mero simulacro. Aquilo que, em Platão, era o campo das Idéias ou das Formas, εἶδος, podemos aproximá-lo, em Lacan, ao campo Real nesse sentido, no sentido de que é imutável, estando sempre no

*Campo das Idéias/  
Campo do Real*

mesmo lugar, como os astros e os deuses.

Podemos nos perguntar sobre o que há de real em nossas fantasias, ou seja, o que existe de real em nossos fantasmas, o que há de real na realidade sensível, tangível.

Intervenções – [...]

*O Semblant*

Há um outro termo em Lacan, talvez próximo à idéia de simulacro, o termo *semblant*. *Semblant* poderia ser um simulacro do objeto do desejo, por exemplo. Nesse caso, nessa nossa associação de idéias, além da imutabilidade no campo das Formas em Platão e da dimensão real em Lacan, há esta possibilidade de correspondência entre o simulacro, a sombra em Platão e o *semblant* em Lacan.

Intervenção – [...]

*D'un discours*

Mas devemos prestar atenção ao título: *D'un discours*, trata-se aí de um discurso que é da ordem da fala, de um linguajar, de um falar. Podemos indagar-nos se somos falantes porque falamos ou falamos porque somos falantes. Ou seja: nessa ordem do falar, o próprio falar, na relação transferencial, instaura algo que causa esse desejo, esse desejo de falar, esse desejo de estar na fala e, nesse movimento, é que se instaura o objeto *a*, isto é, o objeto causa; objeto perdido em Freud, objeto causa do desejo em Lacan. E é sempre falado como *du semblant*.

Intervenção – [...]

O ato analítico está aí, na fala.

Continuação da leitura até a página 49.

*A dimensão do tempo do sonho – Freud/Lacan*

Intervenção – [...]

Nos sonhos só há sincronia; simultaneidade é sincronia. E há aí uma diferença entre Lacan e Freud no sentido de que, para Lacan, o Inconsciente não é nenhum baú de onde vai se tirando o que aí está guardado desde tempos imemoriais.

*A memória associativa na abordagem psicanalítica*

Intervenções – [...]

O que nós podemos considerar aquilo que se chama memória é o que ocorre por relações, por associações; lidamos com memória associativa.

Intervenção – [...]

*O Outro*

Bem, não é bem assim. O Outro não é um depósito, e sim o lugar da fala. Essa fala que estamos a falar, de onde provém? Será, por acaso, de algum baú? Não pode ser considerada como uma relação entre falas e na própria fala de quem fala? O lugar da fala é o próprio falar, orbitando, esse falar, constelações significantes, ou seja, aquilo que ficou formado como inscrição na fala falada pelo sujeito falante.

Intervenção – [...]

*A Diferença na memória associativa*

Sim, exatamente, isto é, nós não consideramos a memória como finalidade da análise, no sentido de recuperar registro de fatos. Os fatos são fatos languageiros. As reminiscências entram nessa fala como cadeias associativas languageiras; as reminiscências são associações languageiras e, nesse sentido, elas enquadram-se no tempo lógico, no qual as relações sincrônicas e diacrônicas se cruzam, produzindo a diferença.

Intervenções – [...]

*A escrita de Proust como anamnese*

Sim, a escrita de Proust é uma anamnese, uma recordação, reconstituída enquanto desejo de reconstruir sua história, seu passado pela via da escrita, o que nos coloca diante da questão crucial da diferença entre escrita e fala. Trata-se, em Proust, de recuperar, em minudências literárias, todas as impressões sensitivas da realidade, possíveis de escrituração.

Intervenção – [...]

*A sincronia e a diacronia em Joyce e Proust*

São estilos completamente diferentes, Joyce e Proust, diferentes na acentuação sincrônica – o caso da escrita joyciana – e diacrônica, como a de Proust. Encontramos, nessas duas escritas, exemplos do que discutíamos há pouco sobre simultaneidade e sucessividade.

Intervenção – [...]

*A formalização das descobertas de Freud por Lacan*

Lacan atualizou, conceituando, as descobertas de Freud, mas naquilo que há de essencial à Psicanálise, não encontro acréscimo por parte de Lacan. Há, sim, formalização conceitual da enorme quantidade de material trazido por Freud. O que Freud descobriu permanece sendo aquilo com que lidamos até hoje. Claro, Lacan não é tão somente um comentador de Freud, apesar de ser o melhor, mas também contribuiu, passo-a-passo, naquilo que Freud deixou por escrito. Os escritos de Freud são descritivos, pormenorizando

todas as suas descobertas; Lacan formaliza cada passo dado por Freud.

Intervenção – [...]

*A cadeia significativa*

A operacionalidade da cadeia significativa ocorre desta maneira: um significante causa o advento de um outro significante; trata-se, portanto, de uma relação, a operacionalidade da cadeia é, pois, relacional. Um causa o outro numa relação.

Intervenção – [...]

*A análise das  
formações  
iniciais*

Sim, claro, é possível passar toda uma análise em torno de algum sonho, no sonho estando a sincronia e, na narrativa, sua diacronia. Análise de um sonho, de um lapso, de uma frase, enfim, de alguma formação inconsciente.

Intervenções – [...]

*O campo das  
questões da  
Psicanálise*

Mas todas as questões da Psicanálise devem ser colocadas num campo analisável. Lacan colocou-as nos campos da Lógica, da Topologia e da Lingüística. Tais questões não se referem a coisas etéreas, misteriosas, insondáveis, mas sim à fala concreta, real, de um determinado sujeito. Se, por um lado, o mais importante é o elemento terapêutico da Psicanálise, há, por outro lado, seu elemento discursivo, aquilo que, a partir da clínica, fornece elementos para a conceitualização dessa experiência num campo lógico, o da lógica do significante.

Intervenção – [...]

*A dimensão  
imaginária da  
Literatura*

Sim, é verdade, e Freud justificou o emprego de recursos literários afirmando, e é certo, que os escritores criativos, a Literatura, enfim, lidavam com as questões cruciais da alma já antes do surgimento da Psicanálise, antecipando-a. Há, no entanto, a se considerar a dimensão imaginária da Literatura e com ela aprender a lidar com a letra e não com o sentido. Não fomos nós, psicanalistas, os primeiros a lidar com as questões mais profundas do espírito; os literatos e os artistas nos anteciparam nisso.

Intervenções – [...]

Mas a Literatura fornece elementos à Ciência também. Por exemplo, o que é *quark* na Física?

Intervenções – [...]

*Influência da  
Literatura nas  
Ciências pela  
nomenclatura*

É um termo de James Joyce em *Finnegans wake*. E até agora ainda não descobri de onde ele tirou esse termo, mas, na Física, é o nome genérico dado às partículas elementares.

Intervenção – [...]

*O lettral do natural  
humano*

Não o fenômeno. Joyce não estava descrevendo o fenômeno natural descoberto e formalizado pela Física, mas a Ciência, no caso, fez uso de um termo literário para dar conta do que nela pertencia ao campo do Real, agora simbolizado por um nome. De um modo ou de outro, no campo da Ciência tanto quanto da Psicanálise, recorre-se à Literatura. E o código genético, por exemplo, como se escreve este senão com algumas poucas letras? Essas letras, letrinhas, como as chamou Lacan, são as do campo real, as letras algébricas. Por isso, ele inventou também letrinhas para a Psicanálise, para formalizar as descobertas desse campo. Podemos até mesmo admitir essas letras compondo nosso código genético, pondo fim a esta discussão entre Natureza e Cultura. O natural humano é lettral, é cultural.

Seria muito bom se lêssemos, para nosso próximo encontro, a Carta de Freud a Fliess, catalogada com o número 52.